

# CIÊNCIAS HUMANAS:

Desafios metodológicos  
e resultados empíricos

**Adilson Tadeu Basquerote**

(Organizador)



# CIÊNCIAS HUMANAS:

Desafios metodológicos  
e resultados empíricos

**Adilson Tadeu Basquerote**

(Organizador)



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora



Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Ciências humanas: desafios metodológicos e resultados empíricos

**Diagramação:** Bruno Oliveira  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adilson Tadeu Basquerote

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: desafios metodológicos e resultados empíricos / Organizador Adilson Tadeu Basquerote. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-983-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.834221804>

1. Ciências humanas. I. Basquerote, Adilson Tadeu (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra: “**Ciências humanas: Desafios metodológicos e resultados empíricos**”, apresenta pesquisas que se debruçam sobre a compreensão dos fenômenos sociais nas suas distintas dimensões tendo a pessoa no centro da reflexão. Composto por relevantes estudos que debatem temáticas que envolvem atualidades que possibilitam olhares interdisciplinares sobre a sociedade e possibilitam vislumbrar as tendências e compreender grupos e comportamentos, observar as mudanças históricas da vida em sociedade e projetar que organização social queremos para o futuro.

Partindo desse entendimento, o livro composto por treze capítulos, resultantes de pesquisas empíricas e teóricas, de distintos pesquisadores de diferentes instituições e regiões brasileiras e uma Mexicana, apresenta pesquisas que interrelacionam Ciências Humanas às pessoas e as relações sociais no centro da observação, da teoria, da pesquisa e do ensino. Entre os temas abordados, predominam análises de ações cívicas, simbólicas e de crenças, formação continuada, linguagem, filosofia, jogos didáticos, capitalismo, relações de poder, pandemia e seus impactos nas populações indígenas, adoção, entre outros.

Para mais, destacamos a importância da socialização dos temas apresentados, como forma de visibilizar os estudos realizados sob dissemelhantes perspectivas. Nesse sentido, a Atena Editora, se configura como uma instituição que possibilita a divulgação científica de forma qualificada e segura.

Que a leitura seja convidativa!

Adilson Tadeu Basquerote

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A AÇÃO SALVÍFICA DE DEUS ATRAVÉS DA ÁGUA: UMA ANÁLISE SOBRE A ANAMNESIS PRESENTE NA ORAÇÃO DE BÊNÇÃO DA ÁGUA BATISMAL	
Alexssandro de Oliveira Lima	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218041">https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218041</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A PEDAGOGIA DO ANO LITÚRGICO NA FORMAÇÃO PRESBITERAL NA ETAPA DO PROPEDEÚTICO	
Raimundo Feitosa dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218042">https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218042</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
UMA ANÁLISE DO FOGO NOVO NA VIGÍLIA PASCAL	
Alex Pereira de Amorim	
Alexssandro de Oliveira Lima	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218043">https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218043</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA	
Marcelo Beneti	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218044">https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218044</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
A LINGUAGEM DA APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA E A “CLASSE” COMO SUJEITO DA AÇÃO: NOTAS CRÍTICAS SOBRE O MÉTODO DA ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO	
Geraldo Alexandre de Oliveira Gomes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218045">https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218045</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
APRENDER A FILOSOFAR JUGANDO CASO DE LOS ALUMNOS DE LA PREPARATORIA AGRÍCOLA DE LA UNIVERSIDAD AUTÓNOMA CHAPINGO	
Mafaldo Maza Dueñas	
Vanessa García González	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218046">https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218046</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>72</b>
CAPITALISMO, GLOBALIZAÇÃO E INTERAÇÕES COM A PESQUISA CIENTÍFICAS	
Adelcio Machado dos Santos	
Rubens Luis Freiburger	
Dreone Mendes	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218047">https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218047</a>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
QUIMICANDO\GINCANA VIRSTUAL: UMA ATIVIDADE LÚDICA E EDUCATIVA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO DE CRATEÚS-CE	
Sabrina Alves de Sousa	
Felipe de Moura Lima Peres	
Rayana Farias Soares	
Lourival Rosa Pereira	
Ana Lucia Rodrigues da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218048">https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218048</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>94</b>
RELAÇÕES DE PODER, ESTADO E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES FREIRIANAS PARA A PRÁTICA DOCENTE NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS	
Kelly Christine de Andrade Oliveira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218049">https://doi.org/10.22533/at.ed.8342218049</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>107</b>
A ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL E A EDUCAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930)	
Lara Beatriz Pires Pereira Velasco	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.83422180410">https://doi.org/10.22533/at.ed.83422180410</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>115</b>
A RELAÇÃO ENTRE A LIBERDADE DE EXPRESSÃO, A FALÁCIA DO FALSO DILEMA E A CULTURA DO VOTO ÚTIL	
Thiago Sebastião Reis Contarato	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.83422180411">https://doi.org/10.22533/at.ed.83422180411</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>123</b>
ESTUDO DE CASO: DE UMA CRIANÇA ADOTIVA	
Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello	
Mylena Menezes de França	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Elvira Daniel Rezende	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.83422180412">https://doi.org/10.22533/at.ed.83422180412</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
IMPACTOS E VIVÊNCIAS DA PANDEMIA DE COVID-19 PARA OS POVOS INDÍGENAS BRASILEIROS	
Alice Pimentel de Oliveira Lyra	
Leonardo Alencar Gomes do Rego	
Rafaella de Lourdes de Almeida Salles	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.83422180413">https://doi.org/10.22533/at.ed.83422180413</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>158</b>

**ÍNDICE REMISSIVO..... 159**

## ESTUDO DE CASO: DE UMA CRIANÇA ADOTIVA

*Data de aceite: 01/04/2022*

**Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello**

<http://lattes.cnpq.br/5085913131028774>

**Mylena Menezes de França**

<http://lattes.cnpq.br/7712380189574088>

**Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa**

<http://lattes.cnpq.br/3970529827472582>

**Silvana Barbosa Mendes Lacerda**

<http://lattes.cnpq.br/2365640272877795>

**Elvira Daniel Rezende**

<http://lattes.cnpq.br/8847779666291167>

**RESUMO:** A adoção é uma temática que embora permeada de preconceitos, medos e idealizações, ainda, se apresenta como uma área fascinante e instigante a ser pesquisada, principalmente quando buscamos estudar os aspectos psicológicos implicados na relação nascida em uma “adoção à brasileira”. Pautada nessa premissa, o presente trabalho foi construído buscando uma análise psicanalítica dos processos psicológicos presentes na relação desenvolvida entre a família adotiva e o adotando. Para alcançar os objetivos deste trabalho, foi realizado um estudo de caso, utilizando o método da escuta clínica baseando na psicanálise para explicar os comportamentos e as emoções relatadas por uma família

durante algumas sessões realizadas no acompanhamento psicológico de uma criança adotada. Os resultados encontrados apontam que as relações iniciais estabelecidas entre os adotantes e adotado são fatores essenciais para um bom desenvolvimento, uma vez que a fragilidade deste relacionamento implica na inibição no processo de estruturação do aparelho psíquico do sujeito.

**PALAVRAS – CHAVE:** Adoção; Psicanálise; Processos psicológicos;

**ABSTRACT:** Adoption is a theme that, although permeated by prejudices, fears and idealizations, still presents itself as a fascinating and exciting area to be researched, especially when we seek to study the psychological aspects involved in the relationship born in a “Brazilian-style adoption”. Based on this premise, the present work was built seeking a psychoanalytic analysis of the psychological processes present in the relationship developed between the adoptive family and the adopting person. To achieve the objectives of this work, a case study was carried out, using the method of clinical listening based on psychoanalysis to explain the behaviors and emotions reported by a family during some sessions carried out in the psychological follow-up of an adopted child. The results found indicate that the initial relationships established between the adopters and the

adopted are essential factors for a good development, since the fragility of this relationship implies an inhibition in the process of structuring the subject's psychic apparatus.

**KEYWORDS:** Adoption; Psychoanalysis; Psychological processes;

Preconceitos, medos tabus e idealizações estão presentes quando a temática é adoção. Uma concepção construída provavelmente por concepções históricas negativas que transladam até a atualidade, talvez pela cultura pobre em pesquisas ou mesmo devido a existência de publicações que apontam os aspectos duvidosos que envolvem filhos adotivos e, esses conceitos continuam sendo difundidos na sociedade promovendo ideias infundadas, inconsequentes e estigmatizantes.

A literatura histórica da adoção infantil, parte da premissa que a criança era vista *a priori*, com o intuito de preencher a necessidade de descendência. No Brasil, a adoção seguiu o código jurídico português, que por sua vez era uma tradução do código romano. Dotado de normas rigorosas que inviabilizavam adoções, promovendo o surgimento das “adoções à brasileira”.

Verifica-se que as primeiras mudanças legais em nosso ordenamento jurídico foram com o surgimento da Lei nº 3.133 de 1957, seguida da Lei nº 4.655, de 1965, que traz em seu bojo a legitimidade do filho adotivo.

Insta salientar, que apenas em 1990, as crianças e adolescentes foram contemplados com uma lei, inspirada na Doutrina da Proteção Integral que veio substituir o Código de Menores (1927-1990) sendo denominada de Estatuto da Criança e do Adolescente promulgada em 1990, um margo significativo na história de nossa legislação.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reconhece a criança e o adolescente como sujeitos plenos de direitos, gozando de todos os direitos fundamentais e sociais, inclusive a prioridade absoluta, decorrência da peculiar situação como pessoas em desenvolvimento (ALTOÉ, 1990).

Em 2007, a Associação dos Magistrados Brasileiros e o Senado Federal promoveram mudanças significativas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) promovendo ações de atuação junto às famílias e crianças que estão em processo de adoção.

Os autores Silva e Arpini (2013, p. 126) relatam sobre a Lei Nacional da Adoção que “[...] de acordo com esta lei, o retorno à convivência familiar deve acontecer em um período máximo de dois anos, o que faz o tema da reinserção familiar ganhar destaque.” A alteração atende ao que é declarado no ECA, no qual consiste que a duração das crianças e adolescentes nos abrigos deve ser apenas temporária, utilizando o tempo necessário para a Justiça decidir se a criança deve retornar à família de origem ou à adoção. Entretanto, segundo o autor Paulo (2012, p. 85) “em grande parte dessas instituições, a média do tempo de permanências é superior a quatro anos, o que impede a ocorrência de condições favoráveis ao bom desenvolvimento da criança”.

Em se tratando de adoção, não convém priorizar somente os processos legais, pois

atrás dessa burocracia, existe uma criança, que foi rejeitada e abandonada e se não puder agilizar essa adoção, a criança apresentará dificuldades emocionais drásticas por falta de privação afetiva, levando-a a sentimentos de tristeza irritação, melancolia e depressão, e em situações mais danosas, as psicopatologias, psicoses, doenças mentais.

Considerando que a adoção é um tema de extrema relevância, não só nos dias de hoje, mas em toda a história da humanidade, fazendo-se necessário possibilitar sua visibilidade e conscientização por parte da população em geral, esse estudo pretende expor UM ESTUDO DE CASO e suas etapas de atendimentos, estratégias de atendimento, condução do processo com uma base teórica psicanalítica suas possíveis considerações acerca do caso.

Para o melhor aproveitamento e compreensão dessa experiência para a clínica infantil, elaboramos a organização dos relatos como forma de proteção dos indivíduos envolvidos os nomes utilizados nos textos são todos fictícios.

## RELATÓRIO DA 1ª ENTREVISTA COM A MÃE

Nome da mãe: Mary

Família formada por cinco pessoas: pai, mãe, filho e duas filhas, sendo a mais nova adotiva.

Nome da criança: Leyla Idade: 3 anos e 3 meses

### I) Queixa ou motivo:

Enviada por Dra. Renata, após alguns acontecimentos preocupantes.

**Queixa principal:** criança agressiva, revoltada, não quer comer – a criança antes de completar dois anos “apagou” e apresenta esse sintoma sempre que é contrariada.

Há quanto tempo isso vem ocorrendo? Desde dois anos.

Outras queixas: insônia, irritação, dá mais atenção aos estranhos, quebra brinquedos, etc.

### II) História da criança:

Na sessão de entrevista, a genitora relatou que a criança, chamada Leyla tem 03 anos de idade e é sua filha adotiva. Narrou que sua filha havia sido colocada na porta da sua casa, no dia de seu aniversário, tendo apenas três dias de nascida. Nesse dia, algumas pessoas tinham ido a sua casa para comemorar a data. Terminada a comemoração Sra. Mary ia recolher-se, quando a noiva de seu filho lhe chamou a atenção para uma caixa que se encontrava junto ao muro, ao que Sra. Mary disse: “*deve ser cachorro, deixa para lá que eu não quero criar cachorro*” (sic), contudo, sua futura nora insistiu e juntos se aproximaram do objeto a fim de verificar o conteúdo. A genitora esclareceu que ao ter aberto a caixa, todos foram surpreendidos com a criança com um edema e derrame no olho, sujeira no clitóris ao ponto de não o ver e o umbigo infectado. O impacto foi grande por parte dela e

seu esposo não aceitação, repetindo veemente que não ficaria com o bebê. Ocorre que os filhos do casal não aceitaram e tentaram persuadir os pais a ficarem com a criança.

Diante da persistência dos filhos, a Sra. Mary concordou, mas afirmou que apenas prestaria assistência inicial para que posteriormente resolvesse o que fazer. Naquele momento, por não ter crianças em sua casa, não tinha nenhum suprimento básico, razão pela qual contou com o apoio dos vizinhos que imediatamente providenciaram o básico para que o recém-nascido fosse atendido nas suas primeiras necessidades. Ela relatou que após 02(dois) meses convivendo com a criança, os vínculos afetivos foram sendo construídos de tal forma que seu marido passou a amá-la como se filha fosse e posteriormente a registrando civilmente no nome do casal.

A criança sempre apresentou problemas com alimentação, pois, apenas ingeria líquidos mesmo já possuindo as dentições e, ainda hoje só come alimento liquidificado. Apresentou problemas de engasgo e as pessoas tinham medo de dar mamadeira para que não se engasgasse. Hoje continua sem querer coisas sólidas e quando se consegue dar alguma coisa é bem liquidificado. Ela não mastiga.

Até pouco antes de completar dois anos, nada incomum havia acontecido na vida de Lei. (era assim que a chamavam)

A Sra. Mary relata que, certo dia, quando estava em seu ambiente de trabalho, recebeu a notícia de que Lei tinha passado mal e teria ficado alguns minutos “apagada”. Diante disso, foi prestado os primeiros socorros e a criança tornou. Não tendo conhecimento do que teria acontecido, a Sra. Mary indagou reiteradamente sua filha mais velha, mas não dava credibilidade as respostas obtidas, motivo pelo qual levou a criança, no dia seguinte, ao Hospital. Conta, ainda, que após os exames preliminares, a Sra. Mary achou que seria prudente levar a filha para casa, mas foi impedida pela médica que afirmou apenas autorizar a saída da criança após a genitora assinar um termo de responsabilidade, atitude que lhe chamou a atenção. Disse que sua filha continuou interna e às 18 horas ela apresentou outra crise, mas como já estavam no Hospital, a criança foi socorrida e conduzida à UTI, onde permaneceu durante 04(quatro) dias e após receber alta, permaneceu em apartamento por mais três dias.

Tive oportunidade de ler o laudo médico que dizia: crise febril convulsiva – epilepsia. A criança foi medicada (Maliasin – 25 mg) que foi suspenso por ter causado muita agressividade à criança. Leyla saiu do hospital oito dias depois.

Depois desse episódio, a mãe procurou outro médico que receitou SONEBON. No início os efeitos dos medicamentos foram positivos, mas após uma semana, a criança estava irritada, dando chute, revoltada (palavras de Sra. Mary). Nesse instante, ela diz que Lei dá mais atenção aos estranhos e que continua tomando o medicamento. Diz também que a criança quebra todos os brinquedos que pega e bate com a cabeça na parede quando é chamada a atenção. No que diz respeito ao desenvolvimento, a mãe narra que Lei se sentou aos 06(seis) meses, apresentando boa postura, mas não engatinhou, apenas passou

a fazer uso de “andajar”, mas só andava de ré e anda de velocípede. Quanto a linguagem, a criança balbuciaram as primeiras palavras ao completar 07(sete) meses chamando “papa” e logo depois “mamam”. Atualmente, apresenta uma linguagem empobrecida.

## 2ª ENTREVISTA: COM OS PAIS: SRA. MARY E SR. ANDERSON

A Sra. M. havia dito que o seu esposo não poderia vir à tarde, no horário estabelecido por motivo de trabalho. Combinamos que ela viria sozinha no dia e horário acertamos e, nessa ocasião ajustaríamos um horário que fosse conveniente a ele, contudo, fui surpreendida, ao chegar na recepção me deparei com o casal.

Comecei a sessão falando da importância dos pais nas primeiras entrevistas e em seguida ouvi a versão de cada uma diante das queixas.

Inicialmente questionei o que o Sr. Anderson tinha sentido ao se deparar com uma criança dentro de uma caixa de sabão. Ele falou: *“Assim que vi, senti raiva e revolta. Fiquei revoltado, porque achei que se estava brincando com o ser humano”*. Depois com os apelos da mulher e dos filhos foi aceitando. Ele falou que a menina é muito apegada à mãe, que quando esta sai de casa, a criança fica sem comer, só aceitando ingerir água.

No tocante ao processo de amamentação, a Sra Mary esclareceu que deu a mamadeira à Leila, no colo, até os 04(quatro) meses de idade dela e depois desse período, a criança começou a segurar a mamadeira e tomar o leite sozinha. Após, ela tentou inserir alimentos sólidos, mas a criança rejeita e aceita só comida pastosa, aceitando poucas vezes algum alimento diferente, quando viaja, do que habitualmente come (por ex. iogurte), ela aceita por poucas vezes e depois rejeita. O pai falou que quando vai ao supermercado e vê a variedade que existe, gostaria de comprar, mas se o fizer sabe que vai perder. Sra. Mary descreveu que algumas vezes, para acalmá-la colocou-a no seio, aconchegando-a.

Podemos afirmar que a constituição psíquica inicial da criança, destaca-se o seio materno ou mamadeira oferecida no aconchego que faz parte do complexo nutricional do bebê, e que, portanto, não se distingue dele, não sente o seio como sendo uma parte da mãe, mas o vivencia como parte de si. O desejo, aqui, é ambíguo, refere-se ao corpo da mãe e ao corpo do bebê ao mesmo tempo, para que o bebê mame, é preciso o duplo desejo, dele mesmo e o da mãe LACAN (1963/2005a).

Poucos dias antes de “acontecer” (a convulsão) Sra. Mary falou que a criança havia adormecido em cima dela na cama e como também estava muito cansada, também dormiu naquele cenário “proposto” pela filha. Em dado momento sentiu que a criança não estava sobre o seu peito e começou a procurá-la tateando a cama. Foi encontrá-la toda enrolada no lençol, bem encolhidinha, junto aos pés da cama. “O circuito pulsional ancora o sujeito do nascimento à mãe que lhe servirá de primeiro suporte” (LACAN, 1964/1990, p. 201). Nesse momento, ela colocou que o médico a havia aconselhado a não deixar Leyla com a chupeta presa no cordão, pois a menina quando tinha raiva tentava se enforçar. Ela

acrescentou que, em momentos de raiva a criança vai para debaixo da mesa, se retorce e bate com a cabeça na trave.

Quanto ao sono, a mãe esclarece que a criança dorme muito tarde. Ela é muito inquieta, mesmo antes de “acontecer” (a convulsão). Dorme entre os pais. O pai comprou uma cama maior para caber os três.

Sra. M. disse que para sossego de todos muitas vezes dormiu com ela sentada na cadeira, mas informa que ainda hoje não dorme bem. É inquieta. Às vezes ao acordar chora bastante e sua mãe para acalmá-la diz: “Lei, sou eu, mamãe. Calma, não vou deixá-la sozinha”. E ela vai se acalmando. Parece que é sonâmbula. Ela senta, fica falando e chorando.

Terminada a sessão, fica marcada a próxima sessão.

Quando ia saindo, Sra. Mary. me pediu para colocar meu nome e telefone num papel na pasta de Leyla.

**Obs.:** Sra. Mary trouxe um álbum de fotografia de Lei desde o dia em que lá chegou. Mostrou também uma pasta com todos os exames da criança.

A 1ª vez que a criança perdeu os sentidos estava nos braços do pai o qual pensou que ela estivesse dormindo. Chamou a filha mais velha para colocá-la na cama quando esta percebeu os lábios roxos da criança. O pai colocou-a de bruços, massageou-a e, nada dela tornar-se. Fez respiração boca a boca e só desse modo a criança retomou os sentidos.

Acreditamos que: “a convivência familiar é fundamental para que a criança se adapte a vida em sociedade, seus valores e a sua solides prepara as relações com as adversidades culturais e sociais, características do período de maturidade” (SILVA, 2014, p. 16).

A autora supracitada, ainda, afirma que em sua pesquisa sobre adoção e família expôs que, ao nascer, a criança precisa da proteção e cuidado da mãe, seja biológica ou adotiva, para que então seja capaz de desenvolver sua estrutura emocional básica na qual sucede por toda a vida maturacional. Ela segue afirmando que são os pais que representam o principal vínculo psíquico e afetivo com o filho, pois são essenciais para a sobrevivência e desenvolvimento da criança. Sendo assim, Santos e Motta (2014, p. 518) expõem que “a relação mãe-filho é um dos elementos fundadores do psiquismo humano, e é por meio desta que a criança apreende o mundo a sua volta”. Entretanto, os autores citados mencionam que existem diversas variantes que podem intervir na relação, tais como: experiências pessoais, legados familiares e as condições socioeconômicas.

### **3ª ENTREVISTA: COM OS PAIS**

Os pais chegaram com a criança e logo Sra. Mary externou sua preocupação em tê-la trazido por receio que viesse a perturbar a sessão. Além do mais tinha se esquecido de trazer a chupeta.

Ficou aliviada quando lhes indiquei a sala de ludo para recebê-los.

A menina desceu dos braços do pai e correu em direção aos brinquedos. O 1º brinquedo que ela pegou foi um carro amarelo, sem rodas; logo depois pegou outro carro (um jipe) ao que a mãe falou: “A senhora observou? Ela só pega brinquedo de menino”. O pai mostrou-se receoso em que a filha pudesse mexer ao que eu retruquei que podia deixar a criança à vontade (e também falei para a menina).

Continuando a entrevista anterior, Sra. Mary falou que a criança sorriu mais ou menos aos 4 meses, que sustentou a cabeça muito cedo, mas não engatinhou. Foi posta no anda já aos 7 meses e nele só andava para trás; não ficava no berço em momento algum, ou ficava no braço, no carrinho de bebê, no quadrado ou no anda já. Andou com 1 ano e 15 dias. Sua 1ª palavra foi papa aos 7 meses; até os dois anos era a única palavra que pronunciava, alterando para paiô (painho). Fala Mainha com dificuldade e quando solicitada. Agora já chama o nome do irmão, do cachorro e, quando se diz alguma palavra ela repete.

A dentição foi aos 8 meses e foi acompanhada de transtornos: muita irritação e insônia. Ainda hoje faz xixi e cocô na roupa. Com 8 meses, a mãe tentou colocá-la no vaso, mas ela não aceitou. Por natureza, a criança tem prisão de ventre e, nos momentos em que lhe era oferecido o vaso, ela retinha por uns 3 dias. A mãe não continuou a insistir e, ainda hoje, ela não controla os esfíncteres.

A fase de controle dos esfíncteres, quando a criança libera as fezes atendendo a uma demanda do Outro, mas referindo-se a uma parte do corpo que é sua. Dessa vez, ela oferece essa parte do seu corpo (fezes) como um dom (presente) para a mãe, o desejo, ainda, é ambíguo, mas já há um domínio sobre a demanda do Outro (LACAN, 1963/2005a).

Logo que chegou (com 3 dias), chupava dedo que foi substituído pela chupeta por recomendação médica. O anda já também foi retirado por recomendação médica antes de a criança começar a andar. Todos da casa ajudavam a criança na fase do andar. Até hoje chupa chupeta, mais à noite, largando-a quando adormece.

Rói as unhas, puxa os cabelos, bate a cabeça, puxa o cordão da chupeta para se enforcar, isto tudo quando não consegue o que deseja.

Os pais reagem a essa atitude desviando a atenção da criança para outra coisa.

Segundo o pai, seu brinquedo preferido é bola. Não brinca com outras crianças de sua idade. O irmão e o pai se fazem de criança para brincar com ela.

Quando há oportunidade de encontrar-se com outras crianças, não é agressiva.

É agressiva com o irmão e com as pessoas da casa. Bate no rosto do irmão. Gosta de passear, de sair.

Expectativa dos pais: poder ajudar a criança a diminuir a agressividade, comer e dormir melhor.

## Comentários

Observação da criança enquanto da entrevista com os pais:

Assim que entrou na sala, a criança dirigiu-se às prateleiras e pegou um carrinho amarelo, sem rodas. Logo depois pegou um jipe e, em seguida, um outro carro. (Colocou-os na boca)

Cada brinquedo ela trazia para o pai. Em todo o tempo, sempre se dirigiu ao pai, que também ficou-lhe dando atenção.

Depois, dirigindo-se ao pai apontou para uns bonecos de pano que estavam no alto. O pai tirou-os e deu a ela. Pega também um boneco de plástico. Em seguida, pega o gancho de um telefone e passa todo o tempo com ele.

Descobre uma xícara pequena que coloca na boca e com ela permanece até o final.

Quando já estávamos para sair, mostra curiosidade em abrir a porta do banheiro. Abro-a, ela olha e os pais a chamam para se retirarem.

Ela faz gestos mandando-me sentar na cadeira onde estive. Aos pais falam que já está na hora de ir embora.

Nas entrevistas com os pais do paciente, foi recomendada a revelação da adoção, o qual surpreendeu a ambos, pois pensavam que fosse a minha função. Informei-lhes que nada mais justo para a criança, era saber sua verdadeira história através de pessoas que a amem e a cercam. É preferível que esse luto de perda seja vivido e dividido por ambos, pois garantiria mais segurança para a criança. Após algumas semanas, os pais afirmam que contaram e que a criança está mais agressiva. Tranquilizo-os, dizendo que é assim mesmo, e que iremos trabalhar essas questões nas sessões subsequentes. De acordo com Levinzon (1999), as crianças adotivas, apresentam grandes dificuldades em tolerar frustrações, e são propensas às explosões. E se o casal parental apresentar dificuldade em relação a estabelecer seus limites, e até mesmo em expressar a sua raiva em direção a criança, como podem convencê-la de que a ama?“[...] desde as primeiras horas de vida são seres de comunicação e de desejos, seres que precisam muito mais de segurança, amor, alegria e palavras do que de cuidados materiais ou de higiene alimentar e física” (DOLTO, 2004, p. 10).

Além do aspecto fundante da constituição, há que se pensar na pré-história do sujeito, que traz consigo os efeitos narcísicos de seus pais, a partir de sua própria história de vida, misturada à dos filhos, levando-os a tomarem-na como sua. O dito de Dolto (2004) anuncia que há algo para além do sintoma visível na queixa dos pais quando demandam um diagnóstico para a criança.

A brincadeira é considerada por como um momento em que a criança revive simbolicamente sua própria existência, como uma forma de assimilar seus aspectos ou a tentativa de resolução de conflitos cotidianos e desejos não resolvidos.

Aqui nas entrevistas vimos claramente a dificuldades de se estabelecer os papéis o

que interfere na identificação da criança sob a Lei paterna.

## 1ª SESSÃO COM LEILA

### *A escuta e a análise do diagnóstico*

Ao me dirigir para a sala de Ludoterapia, convidei Sra. Mary. para entrar junto com a criança. Ela disse: “Ela vai sozinha; faça um teste”. Diante disto, entrei com Lei.

Falei para ela: Eu sou Joana, faço parte de uma equipe de atendimentos aqui na instituição você está aqui a pedido de sua mãe e de Dra. Renata. Sua mãe me falou que você não quer comer, não dorme direito e nós vamos tentar descobrir o porquê disso. Sua mãe vai lhe trazer aqui toda a semana. Esta é uma sala onde nós temos muitos brinquedos. Você pode brincar com o que quiser. Pode jogar comigo e falar sobre as coisas que incomodam ou chateiam você. A única coisa que você não pode fazer é se ferir ou machucar e me machucar ou ferir. Enquanto falava, ela parou com o carrinho que estava na mão e ficou escutando. Quando terminei, ela me pegando de surpresa me deu um beijo no rosto. Passa a sessão nesse movimento de vai e volta com o carrinho. E tento lhe dizer que as coisas são assim... vai e volta.

### **Comentários**

Conforme Freud (1909/1974) ao conduzir-se uma psicoterapia infantil, o psicoterapeuta deve em um primeiro momento mostrar-se interessante para a criança. Assim, deve-se buscar explorar seu mundo imaginário. Após conquistar a confiança, o objetivo é mostrar-se útil em relação às coisas triviais desta criança. Dessa forma, surgirá uma qualidade prazerosa, não apenas ser interessante, mas útil. A criança observará assim que o fato de estar no *setting* trará enormes vantagens. Com isso, o psicoterapeuta deverá oferecer um ambiente que inclua a criação de vínculo. Por meio da transferência e da contratransferência, o vínculo precisará ser estabelecido para gerar a confiabilidade na relação psicoterapeuta/paciente. Assim, o paciente se sentirá cuidado (BARROS, 2013). O vínculo terapêutico estará diretamente ligado a relação interpessoal, associado a qualidade da relação terapêutica, e isso será fundamental para o sucesso da psicoterapia (LHULLIER, 2004; LIMA, 2007). Nisso, entra outro lado do brincar, o de ser interessante para criança, mas lembrando, deverá sempre partir da escolha da criança a brincadeira ou qual objeto lúdico ela quer utilizar.

Winnicott (1995), Propõe uma nova abordagem de atendimento em que o lugar do analista deve ser similar ao de uma mãe quando exerce a função de holding, que corresponde a sustentação psíquica, atento as necessidades do paciente. Ou seja, a transferência é uma réplica do laço materno de uma “mãe suficientemente Boa”.

## 2 SESSÃO COM LEILA

Assim que entrou na sala, se dirigiu, imediatamente, para o mesmo carro que havia

pego na vez passada; alisou-o, tocou as rodas, girou-as e, permaneceu assim durante um tempo. Passou e pegou outro carro. Depois, apanhou o gancho do telefone e o pôs no ouvido. Digo-lhe que aqui é lugar de escuta.... Fica à vontade.

Depois pegou um boneco e aninhou-o cantando: a,a, . Beijou-o e deixou num canto da prateleira. Foi em direção à cadeira e pediu para subir (esse pedir foi gesticulado, pois não fala). Deixei-a fazer o que estava ao seu alcance e só lhe dei uma pequena ajuda. Ela havia pegado o violão que colocou no colo com a abertura virada para baixo e ficou alguns momentos bem quietinha. Digo que estou aqui para ajudá-la se ela quiser.

Desceu da cadeira, se dirigiu à casinha e lá encontrou uma xícara. Pediu para abrir a porta do banheiro, entrou e abriu a torneira; enchia a xícara e me entregava ainda com um pouco de água. Bebo a água e agradeço. Passou um bom tempo nesse exercício. Durante este jogo, ela dizia: “Abi, aua; abi aua”. Você quer me dar algo? OBRIGADA

Saindo do banheiro, dirigiu-se à porta e disse: “Mainha, Mainha”, ao que lhe perguntei: sua mãe está lá fora à sua espera, quer ir buscá-la? ” Ela virou-se e viu uma bolinha de gude. Esta bolinha serviu de um importante instrumento para nossa aliança. Ela jogava e eu pegava e tornava a jogar para ela. Escondia a bola debaixo da mão e perguntava: “Onde está a bolinha?” Notei que ela ficou meio perdida. Fazia a bola aparecer. Neste jogo, Leyla começou a rir e terminou dando gargalhada. Passamos um bom tempo nesta atividade.

Depois parou e voltou ao banheiro com a mesma xícara e repetindo o jogo.

Em seguida, procurou pela bolinha: ” boinha, boinha” voltamos a brincar com a bolinha. Ela já estava bem mais solta e ria à vontade. Avisei que a hora já estava terminando e ela insistiu em continuar. Dei mais algum tempo para completar a hora e lhe falei que na próxima semana, ela voltaria e nós poderíamos continuar a brincadeira.

O simbolismo também habilita a criança a transferir a fantasia, ansiedades culpa para outros objetos e pessoas, ação esta que causa grande alívio.

## Comentários

A brincadeira está sempre presente na vida da criança, o mundo lúdico é o elo entre a realidade interna do sujeito e a realidade externa, é uma maneira de poder entrar no universo infantil, que é compartilhado com outras pessoas. A criança apresenta na sessão experiências vividas na realidade social em que está inserida, fazendo desta um espaço de passagem do mundo interno para o externo, com potencial de criar e recriar, através do simbolismo. Através do brincar (do jogo) a criança sente-se livre para experienciar tudo o que quiser, ela pode ser tudo e nesse faz de conta, sem compromisso e sem obrigações, ela imita a vida, o amor, as tristezas. Para Klein (1996), a interpretação do simbolismo da brincadeira, sustentada pela transferência, é a possibilidade de alcançar as camadas profundas do inconsciente. “Encontramos o inconsciente em ação lado a lado com os desenvolvimentos mais complexos como superego” (KLEIN 1996, p160).

**Observação:** Ao sair, Sra. Mary me falou o que estava acontecendo:

1- Sábado Ley gritou e chorou da 23 h às 3h da madrugada sem que houvesse nada que a consolasse. Dormiu às 3h, prostrada (estava dopada, havia tomado Sonebon).

### 3 SESSÃO DE LEILA

A criança entra na sala pegou o carrinho amarelo de sempre e sua bolinha de gude, com qual brinca todas suas sessões.

Nos pequenos intervalos que deixa a bola de gude, pega uma boneca de pano de aspecto sujo, a boca suja, pega a boneca aninha ela, depois põe a boneca no chão e diz para ela: Tchau... Fica pensativa, volta e pega a bolinha e brinca comigo. (Jogo do carretel)

Depois, vê um caixa de brinquedos aberto e tenta fechar.

Já no final da sessão, pega um jogo de encaixe com qual brinca por alguns minutos, concentrada, contudo não consegue encaixa-los. Digo Leyla vamos juntas encaixar todas coisas que estão faltando. Se levanta !!!

OBS. É a primeira vez que senta no chão por alguns minutos.

Para na frente do espelho e diz “peio”, “peio” perguntei quem é no “peio” ela responde “peio” acaba a sessão.

Na saída da sessão a Sra. Mary diz: “Não sei quem está de parabéns sou eu, ou é ela, mas pela 1ª vez essa menina sentou-se à mesa e comeu como gente”.

#### Comentários

Para defender-se de suas angústias, a criança elabora mecanismos obsessivos, em geral dizem respeito a rituais relacionados com a oralidade encarnada por vezes por forma anal.

Pega uma boneca (suja e feia) a qual se despede. Será que se despede da sua própria cena? O desconforto vivido por Leyla na cena faz com que a mesma se desloque para outra coisa. Fecha a caixa.... Será que quer fechar, cobrir esse passado na qual vivera de forma precária? No jogo do encaixe, digo-lhe como é difícil achar as peças que se encaixe melhor. Mas que nós duas iremos conseguir montar. Ela desiste... Demonstrando a dificuldade de estabelecer um contado com um objeto bom confiáveis no seu mundo interno. Já que suas primeiras experiências foram de abandono desamparo e estranheza.

Na cena do “peio”, leva-me a supor a negação de sua existência, pois não parece refleti-la. Levinzon (1999) comenta que as crianças adotivas parecem não poder entrar em contato com uma parte vital de si mesmo, não tendo noção do seu EU como um todo. A imagem corporal está tão comprometida, provocando sérias perturbações de identidade.

Como fazer Leyla se reconhecer-se como sujeito? Ela quase não fala.... Sua imagem corporal se quer percebida. Levando-me a acreditar que a mesma talvez se encontre ainda nos primeiros dias de separação, onde tudo é caótico, e a experiência com o abandono real, possivelmente some-se com as fantasias de retaliação e culpa o que a deixa paralisada ( KLEIN 1976).

Na escuta do inconsciente Nasio (1995), Dolto (1984/ 2008) explica que se trata de um resíduo, por assim dizer, da relação do sujeito com o outro e que o corpo e sua imagem inconsciente não existem sem linguagem. Esse conceito está ligado ao sujeito e a sua história. Segundo a autora, todo sujeito tem uma imagem inconsciente do corpo, fundada em vivências de imagens extremamente arcaicas e precoces de corpo, que teriam início já no ventre da mãe, antes do nascimento do bebê, mas quando este já possui um corpo. A imagem inconsciente do corpo se localiza em um tempo lógico anterior ao narcisismo primário.

Segundo Lacan (2005) ao olhar no espelho a criança poderá reproduzir uma angustia e ela se desfaz não se vendo “Na pulsão escópica, o sujeito encontra o mundo como espetáculo que o possui” (LANCAN 2005 p. 68). O espelho também representa os olhos maternos e remete também ao órgão de fala a qual é fundamental na psicanálise afinal são sujeito de fala “isso que fala” é a quem o psicanalista dará o lugar na análise, pois cabe a ele fazer “isso falar” (LACAN 2005 p. 71)

E através da linguagem que acontece o balbucio que é apresentado pela língua materna e para existir precisa estar cheio de entusiasmos e desejo de fala para assim acontecer a voz a fala que não quer falar. Leyla não consegue ainda fazer essa passagem.

#### **4 SESSÃO DE LEILA**

Foi direto para a boneca e coloca-a para tocar um violão (boneca eleita por algumas sessões). Pegou uma girafa e colocou no lugar. (Significativo pode trocar de objeto, mas ...)

OBS.: A criança estava cheia de erupções na pele. A mãe lá fora, alegou alergia a carne. A criança havia faltado cinco sessões.

Foi para frente do espelho, aproveitei falei com ela através do espelho. Como fazia muito tempo que não vinha, mostrou-se curiosa por vários brinquedos.

Pegou um ferro de roupa, lhe dei uma fralda e ela passou. Largou...

Dirigiu-se para a bolinha de gude, mas não brinca com a mesma. Pega o boneco Pinóquio e o microfone, lambe o microfone sempre na frente do espelho. Digo parece que você está se vendo no espelho, mas você é de verdade. Não um boneco como Pinóquio.

Na frente do espelho, ela me diz: “canta” e eu começo a cantar, ela dança e lambe o microfone. Parece começar a se reconhecer de forma precária o a imagem corporal. Mas precisa incorporar algo exterior para se reconhecer... lambendo o microfone....

Pega um nenê e uma bolsa com acessórios para arrumar o nenê, passou o batom nos lábios. Arrumou o nenê, penteou os cabelos, abraçou-o, beijou-o e dirigiu-se para a casinha juntando todos os objetos. Pediu ajuda, fui lá e ajudei a pegar tudo e pôr na bolsa, para depois ela pegar o nenê, colocar na cadeira e depois põe no chão e dizer: tchau.... Digo parece que ela não pode cuidar de seu bebê, mas, esse bebe hoje tem uma mamãe que a ama muito.

Vai ao espelho e ficou enumerando objetos e verbalizava cabelos, cadeira, espelho, caminhões. Ouve um barulho de carro, para de falar... Pega um ônibus e fica movimentando sobre a nossa mesa. Essa cena causa muita angustia a de separação!!

Digo-lhe: “nosso tempo acabou”...

OBS.: A criança sempre chora ao sair da sala.

## Comentários

Para Melanie Klein (1996), A criança expressa suas fantasias, seus desejos e experiências reais numa forma simbólica através do brincar e dos jogos. É através do brincar que a criança se torna possível a criança expressar também seus conflitos, angústias e ansiedades, sendo por essa via que se pode ter acesso ao seu mundo interno (CAMPOS E FIOCHO, 2011). Klein desenvolveu essa técnica do brincar a partir de pressupostos colocados por Freud e no decorrer de sua investigação e trabalho com crianças percebeu que era possível considerar o brincar da criança como se fosse a associação livre feita por um adulto, e que no caso das crianças, ainda se pode chegar mais fundo em seu mundo interno, uma vez que os seus mecanismos de repressão são menos rígidos do que o de um adulto, facilitando assim esse acesso ao inconsciente infantil, o brincar caracteriza-se dessa forma, pois a criança ainda não possui uma verbalização necessária para que possa trazer esses conteúdos através da fala, sendo a interpretação do brincar a ponte para que haja uma comunicação mais significativa (SIMON; YAMAMOTO, 2012).

## Comentários Teóricos

### *A condução da análise*

Dizer ou não dizer? Este é o maior problema que enfrentam os pais adotivos. Contar ou não contar sua história? Arriscar a dar a informação verdadeira, ou simplesmente ignorar esse compartimento da vida do filho?

No entanto, essa questão transcende a possibilidade de escolha, que qualquer que seja é impossível deter o conhecimento do fato histórico da adoção, pois a comunicação entre as pessoas é muito mais do que um processo verbal e corporal: é inconsciente. As experiências clínicas denotam de forma contundente, que as crianças adotadas, sabem que são filhos de outras pessoas e, por conseguinte, apresenta zona de intensa confusão mental, o que exprime claramente nos brinquedos (SCHETTINI, 1998).

A criança, independentemente de ser informada ou não, sabe sobre a sua condição de adoção. Ela sente lacunas de sua história e mergulha na fantasia de sua origem. Assim, não dizer a verdade à criança acerca de sua condição de adoção, constitui um dano maior, provocando na mesma, uma reclamação inconsciente, manifestada através de sintomas tais como: agressão, não verbalização, insônia, prisão de ventre, etc. A revelação é essencial à solução de todos os conflitos, em detrimento dos outros (ELIACHEFF, 1995).

Os pais adotivos, sempre perguntam: qual é a melhor época para falar da adoção? Dolto (1996) nos diz que nunca é cedo para se dizer a verdade, e vai mais além, quando

aponta a verdade como a primeira condição para os males psicológicos. Desta forma, se contarmos às crianças bem pequenas suas verdadeiras histórias, temos a chance de curá-las. “A idade é o momento da necessidade da criança, isto é, tão cedo tivermos condição de fazê-lo.” (DOLTO, 1972, p. 46). Segundo a autora, o que é falado torna-se humano, e o que não é falado para a criança, permanece como insólito e não integrado à relação que ela tem com a sua mãe.

A questão da adoção com as suas numeráveis variáveis tende a colocar grandes dificuldades no processo de pesquisar, conhecer, investigar. Há nelas, certa passividade acentuada quanto a estas funções, principalmente ao que se refere ao conhecimento dos fatos concretos que originaram a sua história de vida, quanto ao exame de seus sentimentos e fantasias. O qual é sentido como o tocar em algo amedrontador.

Klein (1996), afirma que quando a curiosidade natural e o impasse para a pesquisa do desconhecido encontram em oposição às indagações mais profundas, são igualmente reprimidas, pois a criança teme encontrar coisas proibidas, pecaminosas.

A falta de impor limites à criança por parte dos pais adotivos se deve ao medo de correr o risco de serem odiados. Esses medos estariam associados a sentimentos inconscientes de culpas, fantasias de roubo e retaliação. A inabilidade da mãe adotiva em não aceitar as expressões mais instintivas da criança adotiva (sujeira, curiosidade sexual, agressão dirigida a si própria e aos pais) desencadearia uma desarmonia de contato afetivo, deixando ambos ansiosos (crianças e pais adotivos).

Uma criança que não teve suficiente contato com o corpo da sua mãe, não é capaz de suportar o desmame, sem regredir aos estados mais precoces dos primeiros dias de vida, o que pode desencadear um retardo motor e de linguagem. Quanto à constipação, pode ser um sinal da inibição da relação motora com o mundo externo, porque a criança não foi iniciada nesta relação para a mãe, e porque a criança está em má harmonia com ela, a mãe, no que se refere à função excrementícia (DOLTO, 1972).

Nesse caso consideramos que o fracasso das relações iniciais da criança como motivo da inibição de seu desenvolvimento (KLEIN, 1930/1996). A hipótese diagnóstica é que Leyla não entrou no processo de formação de símbolos, porque seu ego não tinha força suficiente para aguentar a ansiedade, pelas dificuldades que teve até de sobrevivência em idade muito precoce.

## CONCLUSÕES POSSÍVEIS

As intervenções realizadas no decorrer das sessões foram surtindo efeito a partir da construção do simbólico com a criança, produzindo já no terceiro encontro com a criança a sua reorganização psíquica.

Verifica-se, ainda, que à medida que as reações da criança foram surgindo,

o diagnóstico inicial pouco a pouco foi sendo repensado pela analista e pelo grupo de supervisão, pois como foi possível observar nas sessões, o ego parou de desenvolver a vida de fantasia e de estabelecer uma relação com a realidade. “Depois de um frágil começo, a formação de símbolos nessa criança foi imobilizada” (KLEIN, 1930/1996, p. 255/256).

Destaca-se, também, que após 10(dez) meses da análise, a criança pode acessar sua fantasia, reduzindo a ansiedade, local onde seus impulsos agressivos tinham destaque e que no decorrer do processo terapêutico, foram sendo elaborados de maneira que ela passou a se perceber e desenvolver um vínculo positivo com a analista e as pessoas a sua volta, obtendo êxito em suas interações sociais.

É importante mencionar que a análise do caso aqui realizada não esgota a temática, e nem poderia ser trivializado, pois o presente estudo tratou, tão somente, de uma intervenção de um único caso, mas satisfatório para contribuir com o trabalho outros profissionais que atendam ou venham a atender crianças com histórico de adoção semelhante ao presente relato.

## REFERÊNCIA

ALTOÉ, S. (1990). Internato de menores: educar para (de)formar? *Fórum Educacional (Rio de Janeiro)*, 14, 50-76.

BARROS, Glória. O setting analítico na clínica cotidiana. *Estudos psicanalíticos*, Belo Horizonte, n. 40, p. 71-78, dez. 2013.

CAMPOS, N.S.; FIOCHI, P.I.C.Q. O brincar como instrumento terapêutico. *Faculdades Integradas de Ourinhos- FIO/FEMM. Ourinhos- SP, 2011. Disponível em: <[http://fio.edu.br/cic/anais/2011\\_x\\_cic/PDF/Psicologia/O%20BRINCAR%20COMO%20INSTRUMENTO.pdf](http://fio.edu.br/cic/anais/2011_x_cic/PDF/Psicologia/O%20BRINCAR%20COMO%20INSTRUMENTO.pdf)>. Acesso em: 15 de set. de 2021.*

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente Nº 8.069**, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 29 mar. 2021

DOLTO, F.; NASIO, J.-D. **A criança do espelho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DOLTO, F. **Psicanálise e pediatria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

\_\_\_\_\_. **No jogo do desejo – ensaios clínicos**. São Paulo: Ática, 1996

\_\_\_\_\_. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FREUD, S., **Análise de uma Fobia em um Menino de 5 Anos**, Rio de Janeiro, Imago, 1974.

KLEIN, M. **Os progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: LTC, 1996.

\_\_\_\_\_. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN J. **O seminário, livro 8: A transferência.** (1960-1961). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LEVINZON, G. K. **Adoção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SANTOS, KATE DELFINI; MOTTA, IVONISE FERNANDES DA. O significado da maternidade na viagem de uma jovem mãe: um estudo psicanalítico. *Estudos de Psicologia, Campinas*, v. 31, n. 4, p. 517-525, 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2014000400006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2014000400006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 jul. 2021

SCHETTINI, S. S. M.; AMAZONAS, M. C. L. de; DIAS, C. M. S. B. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 285-293, 2006.

SIMON, R.; YAMAMOTO, K. O brincar e a psicanálise. Subsídios à técnica. In: *Ludodiagnóstico. Investigação clínica através do brinquedo.* / Rosa Maria Lopes Affonso (Organizadora). 1 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2012.

SCHETTINI, S. S. M.; AMAZONAS, M. C. L. DE; DIAS, C. M. S. B. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 285-293, 2006.

NASIO, J. D. et. al. Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto e Lacan. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alunos 32, 35, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 88, 90, 91, 92, 101, 113

Análise 1, 22, 23, 36, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 52, 53, 72, 79, 82, 83, 86, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 107, 108, 111, 121, 123, 131, 134, 135, 137, 143, 148, 157

Aprendizagem 15, 17, 32, 33, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 53, 73, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 158

Aula 33, 36, 37, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 56, 58, 65, 71, 99, 102

Avaliação 35, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 73, 79, 82, 85

### C

Capitalismo 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 97, 98

Cidadania 36, 105

Cidade 4, 32, 76, 150

Classe 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 74, 75, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Conhecimento 14, 18, 24, 25, 32, 36, 37, 38, 39, 41, 44, 53, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 93, 95, 96, 101, 102, 103, 105, 112, 115, 116, 120, 121, 126, 135, 136, 152

Contexto 13, 31, 33, 35, 36, 38, 39, 42, 44, 45, 56, 57, 58, 66, 71, 76, 77, 81, 82, 86, 94, 95, 96, 103, 110, 111, 140, 146, 147

Continuada 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 87

Covid 59, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156

Criança 87, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Cristã 1, 2, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 27, 29

### D

Desenvolvimento 2, 15, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 53, 72, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 87, 89, 91, 92, 97, 100, 101, 104, 106, 108, 109, 111, 112, 113, 123, 124, 126, 128, 136, 158

Deus 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 27, 29, 30

### E

Educação 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 52, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 149, 158

Ensino 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 49, 53, 84, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 108, 109, 111, 112, 113, 158

Escola 16, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 88, 89, 91, 102, 105, 109, 111, 113, 114

Espaço 16, 17, 32, 37, 38, 39, 41, 76, 92, 105, 132, 151

Estudo 1, 17, 18, 22, 34, 45, 72, 74, 77, 80, 81, 82, 107, 108, 111, 112, 123, 125, 137, 138, 156

## **F**

Fogo 7, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 78, 151, 154

Fonte 2, 7, 10, 47, 53, 141

Formação 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 73, 79, 84, 87, 89, 95, 100, 102, 113, 114, 136, 137, 140

## **G**

Globalização 13, 72, 73, 74, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 86

## **H**

Humano 7, 14, 16, 17, 22, 37, 38, 74, 78, 80, 98, 117, 121, 122, 127, 128, 136

## **I**

Identidade 13, 35, 41, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 133, 138

Importância 8, 12, 13, 14, 16, 22, 24, 26, 32, 33, 35, 36, 37, 73, 77, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 110, 127, 143, 146

Indígena 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156

## **L**

Liberdade 13, 95, 98, 102, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 142

Linguagem 3, 43, 44, 45, 52, 53, 77, 103, 127, 134, 136

Lugar 6, 7, 14, 17, 28, 33, 49, 51, 56, 66, 68, 69, 82, 131, 132, 134

## **M**

Metodologia 1, 11, 19, 72, 82, 84, 85, 86, 87, 90, 106

## **O**

Organização 12, 31, 34, 36, 38, 40, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 73, 75, 76, 79, 80, 83, 86, 100, 125, 140, 142, 145, 154

## **P**

Pandemia 88, 139, 140, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157

participação 16, 17, 38, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 79, 80, 91, 92, 99, 113, 151

Pesquisa 1, 12, 22, 36, 40, 41, 43, 47, 49, 72, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 94, 95,

100, 101, 107, 109, 112, 113, 114, 119, 120, 121, 128, 136, 143, 158

Poder 3, 4, 5, 7, 13, 15, 23, 24, 38, 49, 57, 64, 71, 84, 92, 94, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 129, 132, 133, 146, 151

## **Q**

Química 88, 89, 90, 91, 92, 93

## **R**

Relações 16, 23, 36, 72, 74, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 94, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 107, 109, 110, 123, 128, 136, 139, 142, 154

## **S**

Social 13, 24, 34, 35, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 87, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 132, 142, 152

Sociedade 13, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 87, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 122, 124, 128, 140, 151

## **T**

Tecnologia 37, 38, 73, 77, 84, 86

Terra 4, 5, 7, 17, 23, 26, 28, 30, 78, 99, 104, 112, 143, 144, 145, 150, 151, 155, 156

Trabalho 1, 9, 12, 14, 19, 28, 30, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 73, 74, 75, 76, 79, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 106, 107, 108, 110, 113, 116, 117, 118, 122, 123, 126, 127, 135, 137, 139, 148, 149

# CIÊNCIAS HUMANAS:

Desafios metodológicos  
e resultados empíricos

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# CIÊNCIAS HUMANAS:

Desafios metodológicos  
e resultados empíricos

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

